

Para uma comunicação mais inclusiva

AUGUSTO DEODATO GUERREIRO (*)

Cientes de que não há inclusão sem cultura, e porque não há cultura nem progresso sem motricidade e comunicação, vontade e utopia, o objectivo desta reflexão visa incentivar e promover a investigação sobre a possibilidade de se caminhar para a materialização de um mundo onde a igualdade comunicacional e de oportunidades na acessibilidade à informação e à cultura por parte das pessoas com deficiência e/ou carenciadas culturalmente seja uma consequência natural de políticas esclarecidas e de legislação que apoie tanto o acesso como a total inclusão em todos os aspectos da vida em sociedade, conferindo aos equipamentos culturais públicos uma das primordiais funções para informar, educar, formar... no mais amplo contexto infoinclusivo, fomentando, desenvolvendo e sedimentando a inclusão comunicacional e cultural. É com inteligência e emoção, tolerância e solidariedade, vontade e comprometimento, que seremos capazes de transformar, proficuamente, mentalidades e o mundo de todos nós. A inteligência não pode prescindir da emoção, da tolerância nem da solidariedade, porque, sem elas, ficaria sobremaneira mutilada, uma das razões por que alguma da barbárie mais intolerável do século XX, por

exemplo, andou de mãos dadas com uma arrogante ciência e uma demoníaca crença numa determinada supremacia civilizacional. Simultaneamente, a inteligência requer vontade e comprometimento (impulsionadores emprescindíveis), para não cair numa amorfia inexperata, inerte, ou aceitar instrumentalizar-se, submetendo-se a inconveniências ou, mesmo, ignomínias.

Há uma natural envolvência da motricidade humana no conceito de comunicação, seja ela de que índole for. Para que a comunicação promova o bem-estar individual e social, tem que necessariamente assumir uma dimensão inclusiva, sendo nessa perspectiva que aqui a abordaremos. No âmbito da motricidade e comunicação, ocorre lembrar que o homem é, por natureza, um ser carente aos mais diversos níveis do conhecimento e no usufruto do progresso em toda a sua latitude, sendo, exactamente por isso, um ser prático. E é devido a essa praxicidade que ele age, interage, cria as possíveis condições para interagir com os seus semelhantes e com as mais diversas estruturas na sua comunidade, na sociedade e no mundo. Ao mesmo tempo, o homem é um ser eminentemente cultural e aberto ao mundo, impulsionado pelos seus anseios, sonhos, utopias, pela «intencionalidade operante» (M. Merleau-Ponty, 1996; M. Sérgio, 1999), mas ao mesmo tempo o homem é disciplinado pela cultura, pelos saberes sedimentados e consolidados pela evolução da ciência cognitiva.

(*) Técnico Superior (de Biblioteca e Documentação) Assessor na Câmara Municipal de Lisboa. Investigador e Professor Universitário.

A comunicação é uma necessidade humana fundamental, vital. Comunicar é viver, é dinamizar o progresso, é transformar mentalidades e o mundo em favor do bem-estar social e da felicidade de todos os cidadãos, sem discriminações, sem exclusões. Comunicar é empreender itinerários, estratégias, projectos, e materializá-los nos horizontes da vida, da ciência, da história, da arte das ideias e também nos lídimos quereres nas asas da utopia, do sonho, da imaginação e do pensamento (empírico e científico), comunicar é escrever no tempo (para que a história registe e não esqueça) utopias da vida, é plasmar cultura e a sua diversidade, para estarmos vivos, actualizados, evolutivos e actuantes, visto que é, vitalmente, nos universos complexos, multifacetados, multidimensionais e pluridireccionais da comunicação que tudo se gera e se desenvolve (A. D. Guerreiro, 2000a, b, c).

Falando de motricidade e de comunicação, comunicar envolve sempre motricidade. Sem motricidade não é possível a manifestação e a comunicabilidade do olhar, ouvir, tactear, cheirar, saborear, sentir, mesmo do pressentir. Tem sempre que haver energia orgânica, motricidade (aquela propriedade que têm as células nervosas de determinar a contracção muscular) para que se processe a comunicabilidade, independentemente do modelo comunicacional que se utilize, de forma a que, na conjunção indissociável da reciprocidade do informacional e do recepional (emissor e receptor), haja inequivocamente intercompreensão, envolvimento signífica perfeitamente partilhável e partilhada, dos interlocutores que porventura estejam em comunicação. Pensamos mesmo que poderá haver motricidade na forma de imaterialidade, inorgânica, até no acto de pensar (aquela força inexpugnável que nos impele a pensar), tanto como nos gestos, na articulação da palavra, na ultraverbalidade.

Todos nascemos, crescemos e nos perpetuamos por infindas gerações imersos em sonhos e utopias, todos temos necessidades e preferências mais ou menos definidas, todos precisamos de informação e de cultura, de reconforto e retemperança dos nossos anseios e saberes, para que possamos interagir uns com os outros e com a comunidade envolvente (mesmo numa dimensão intercultural), de forma a legitimarmos o nosso sentido de vida na sociedade e no mundo que todos constituímos e que somos.

Para que a inclusão humana resulte tão perfeita quanto possível, a pessoa dita «normal» deve procurar sempre vestir a problemática da pessoa que apresenta dificuldades específicas (com quem eventualmente interage), assim como a pessoa que apresenta formas de interacção condicionada deve esforçar-se (se for capaz) por assumir uma postura e uma conduta social tanto quanto possível «normal», de modo a que nesta inter-relação e interdependência as dificuldades e preconceitos se diluam progressivamente num natural processo de inclusão sociocultural, pedagógico-didáctica, psicomotora e perceptivo-motora, cognitiva, intelectossocial e relacional dos cidadãos portadores das mais diversas disfunções.

Temos publicado um resumo de uma vasta investigação sobre as vantagens da tecnologização da tiflografia associadas ao desenvolvimento pessoal do indivíduo cego, sendo este aprofundado domínio científico o seu processo de comunicabilidade, sociabilidade, mobilidade, autonomia, independência e interacção na sociedade, com fundamental incidência na perceptibilidade dos sistemas sensoriais alternativos ao sentido da vista (desipervalorizando uma certa visiocentralidade), equacionando a interligação sensorial e a percepção háptica, na tiflografia e braillografia, numa perspectiva logográfica e histórico-cultural, atribuindo especial relevância às vantagens da tecnologização da tiflografia, como inquestionável instrumento intelectossocial integrador destes indivíduos na cultura actual (A. D. Guerreiro, 2000a). Trata-se de um novo olhar sobre as pessoas cegas, em certa medida de uma reflexão sobre a emergência de novos dados para uma, se calhar, nova ciência do homem, a «tiflologia», que vem pôr em causa estruturas meramente teóricas baseadas em paradigmas mecanicistas, procurando ser um incentivo à reflexão e à construção de uma nova realidade no âmbito da problemática da cegueira «em busca do mais ser» (A. M. Feitosa, 1993; M. Sérgio, 1999).

A investigação, estudo e sistematização desta vertente comunicacional alternativa preenche uma lacuna no horizonte das Ciências da Comunicação, antecipando novos rumos da sua objectivização para que a identidade e o saber se renovem, se intensifiquem e se ampliem. Vestimos esta problemática, queremos compartilhá-la para desmistificarmos concepções desconexas e

sem fundamentação experiencial e teórica, dando corpo iniludível e inquestionável a este tão esquecido (ou negligenciado) domínio tiflo-sócio-comunicacional e tiflo-interactivo, investigação que constitui um marco histórico nos planos da Tiflogia e das Ciências da Comunicação, o que simultaneamente também promove a inclusão comunicacional e cultural.

Embora o mundo nem sempre «mude com uma mudança de paradigma», contudo, depois dessa mutação, estamos convictos de que o cientista passará a trabalhar num «mundo diferente» (T. S. Kuhn, 1996).

Há pois que cultivar o ideal da cultura inclusiva (cultura para todos à semelhança de escola para todos), onde todos possam aceder à diversidade de espaços, à informação e à cultura, assistir a um concerto, a um teatro ou a uma sessão de cinema, desfrutar de todas as actividades de extensão cultural juntos, independentemente da diferença, ou diferenças, de cada um. Interagir na diferença, é amá-la e sermos iguais, solidários e mais felizes. Por vezes mesmo, é na diferença que a reciprocidade da solidariedade e do amar é mais intensa.

Efectivamente, não parece haver dúvidas de que poderemos apontar a cultura (mais exactamente a consequência da cultura da cultura) como perspectiva de futuro e como factor essencial de diferenciação e identificação do homem (com ou sem determinadas capacidades sensoriais, motoras e outras) na sociedade e no mundo. Todo o ser humano se realiza numa dimensão histórico-cultural, arcando com o peso de uma tradição social portadora de regras de conduta que lhe impõem logo que nasce (M. J. Herskovits, 1952; A. D. Guerreiro, 2000a). Mas pode repensá-las e modificá-las, adaptá-las a características e necessidades especiais, criar e implementar alternativas que a heterogeneidade das necessidades específicas impõe, sendo desta forma que a resposta natural, directa e pulsional vai sendo substituída por outra mais reflectida e mais justa, de acordo com normas ditadas pelo contexto social e sócio-intelectual em que se desenvolve o indivíduo.

De facto, é uma redundância referir que o ser humano vive em sociedade, sendo no meio social que luta pela sua existência, mas já não será redundante afirmar que essa prerrogativa natural implica um sistema complexo de relações com

os seus semelhantes, regulados por normas e regras a que cada um tem de se submeter, mas num constante aperfeiçoamento dessa postura e sempre alargando as condições de adaptabilidade do mundo às pessoas e das pessoas ao mundo.

O mundo está feito para os indivíduos que não têm quaisquer disfunções, dificuldades sensoriais, de mobilidade nem de qualquer outra natureza, mas pode ser melhorado, adaptado, ajustado aos mais diversos níveis para aqueles que, por qualquer razão, precisem desses ajustes. É preciso que todos tenhamos vontade, persistência, que cultivemos, e sejamos capazes de interagir com a tolerância e a solidariedade no coração e no intelecto, interiorizando a solidariedade como um imperativo ético inadiável. Primeiro, ela tem que estar cá dentro. Só depois é que a podemos espalhar proficuamente e galvanizar, acordar e sensibilizar os outros.

A inclusão na sociedade assume hoje reconhecidamente um valor universal, sendo por isso recomendável que os equipamentos culturais públicos (nomeadamente a Biblioteca) promovam a sua progressiva transformação em serviços inclusivos mediante a supressão de barreiras, disponibilizando em suportes acessíveis toda a informação necessária e atendendo o consulente com uma postura capaz de eliminar ou atenuar, tanto quanto possível, as limitações resultantes de deficiências sensoriais ou físicas, bem como de qualquer índole infoexclusiva, correspondendo de forma uniformizada à diversidade e tipologia de solicitações, servindo os utilizadores *in loco*, quando devidamente apetrechados para tal, ou, no caso de se verificar a ausência dessa eficácia, encaminhando-os para outras fontes de informação e utilização.

O século XX demonstrou que, com invenção e imaginação, é possível estender o acesso a todos os recursos da comunidade. Mas, agora no século XXI, devemos ampliar esta acessibilidade, eliminando todas as obstruções ambientais, electrónicas e comportamentais, que impedem a total inclusão na vida em comunidade, promovendo o delinear de políticas generosas que respeitem a dignidade de todos os indivíduos e atentem no inerente equilíbrio e nos benefícios que a sua diversidade exige, o calor do companheirismo, a alegria dos afectos partilhados, a excelsa beleza da Terra e do Universo em tolerância e solidariedade.

Mas a questão da inclusão, entendida no mais amplo alcance, depende, naturalmente, da simultaneidade concertada na ocorrência de compatíveis factores endógenos e exógenos a cada ser humano. A vontade e determinação intrínsecas de cada um de nós revelar-se-ão manifestamente inconsequentes e condenadas ao insucesso, se não existirem criadas à nossa volta as necessárias e sólidas estruturas socioculturais, acolhedoras da exequibilidade dessa vontade e dessa determinação, dinamizadoras e interagentes na respectiva implementação: se a sociedade não estiver sensibilizada, munida das adequadas estratégias e predisposta para se comprometer empenhadamente e sem reservas no processo conducente à saudável e nobre inclusão de todos os cidadãos.

Na verdade, durante o século XX, o desenvolvimento científico e social reforçou a compreensão sobre o valor único e inviolável de cada vida humana. Contudo, ignorância intelectual, negligências, preconceitos, superstições e medos continuam ainda a condicionar muitas respostas da sociedade à problemática da deficiência e da info-exclusão, pelo que se impõe a necessária e propugnante solidariedade humana na efectiva materialização de convenções de direitos humanos, de forma a que, no limiar deste século XXI, as sociedades já comecem a ser capazes de aceitar a deficiência e a diferença como factores normais da diversificada condição humana na mais ampla acessibilidade à comunicabilidade, informação e cultura.

Conforme o expresso na «Carta para o Terceiro Milénio» aprovada pela Assembleia Geral da Rehabilitation International a 9 de Setembro de 1999, em Londres, deve ser objecto de todos os Estados, no terceiro milénio, evoluírem para sociedades que protejam os direitos das pessoas com deficiência, garantindo-lhes um maior poder e a sua inclusão em todos os aspectos da vida em sociedade. Esta Carta foi proclamada para ser posta em prática por todos os homens, na convicção de que a prossecução dos seus objectivos é uma responsabilidade prioritária de todo e qualquer Governo e de todas as organizações não governamentais e internacionais interessadas.

O espelho de um país ou de um povo é o conjunto das suas sensibilidades e também do número e qualidade de serviços de cultura, designadamente bibliotecas como recurso básico do sis-

tema educativo e da conseqüente cidadanização, abolindo-se expressões estigmatizantes da sociedade humana, sem excepções e sem rótulos, já que as rotulagens e categorizações é que perpetuam os estigmas sociais que mais diferenciam, marginalizam ou excluem pessoas da sociedade humana alegadamente normal. É que a transformação das mentalidades faz-se através da formação intrínseca, rigorosa, desde o berço e da mais tenra idade. Não há transformação sem educação interior, espiritual, moral e cívica. Nada somos sem o exercício apurado e constante da consciência crítica, pessoal e social, interpellando o adquirido e o hegemónico, imaginando resoluções para os problemas sociais que nos afectam e alternativas para melhorar ou eliminar o anómalo. É a utopia que nos impulsiona e a cultura que nos disciplina. Conquanto a utopia se nos afigure inalcançável, é-nos tantas vezes indispensável um horizonte de utopia para podermos praticar um realismo arrojado e criador, amando as ideias e a comunicação das ideias, a curiosidade intelectual e a aprendizagem permanente. Temos que ser capazes de voar mais por dentro para conseguirmos cultivar e legitimar outros voos à nossa volta, os voos daqueles que têm também as asas da vida, mas a quem, por vezes, chegam a ser negadas as necessárias condições para poderem voar, livremente, sem longem distância.

Para terminar, e porque a poesia tem o fôlego, a profundidade e o alcance que em geral a prosa reclama, diremos:

Que as palavras semeiem e promovam
A cultura do sonho de fazer
Novos mundos que todos possam ter:
É preciso gritar aos olhos que ouçam,
Quando não sabem ou não querem ver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Feitosa, A. M. (1993). *Contribuições de Thomas Kuhn para uma epistemologia da motricidade humana*. Lisboa: Piaget.

- Guerreiro, A. D. (2000a). *Para uma nova comunicação dos sentidos: Contributos da tecnologia da tiflografia para a ampliação dos processos comunicacionais*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.
- Guerreiro, A. D. (2000b). *A biblioteca na interacção intelectossocial de todos os cidadãos: algumas reflexões para a tornar inclusiva*. Biblioteca: Revista das Bibliotecas Municipais de Lisboa, 5-6, 132-140.
- Guerreiro, A. D. (2000c). *Para uma biblioteca universal: Biblioteca e sociedade inclusivas*. Almada: Unidade de Investigação em Motricidade Humana do Instituto Jean Piaget.
- Herskovits, M. J. (1952). *Les bases de l'anthropologie culturelle*. Paris: Payot.
- Kuhn, T. S. (1996). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Merleau-Ponty, M. (1996). *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes.
- Sérgio, M. (1999). *Um corte epistemológico: da educação física à motricidade humana*. Lisboa: Instituto Piaget.

RESUMO

O autor salienta a importância da cultura como móbil essencial da inclusão, reflectindo, para o efeito, a intercompreensão, a tolerância e a solidariedade nos domínios cultural e comunicacional.

Preconiza o valor universal da inclusão numa sociedade em que prevaleça uma equidade no acesso aos espaços culturais, à informação e à cultura.

Salienta a acessibilidade à informação e à cultura por parte das pessoas em situação de fragilidade social e carências culturais, como imperativo ético de progresso aos mais diversos níveis para promover a sua independência e autonomia, interactividade social e cultural.

Palavras-chave: Cultura, comunicação, acessibilidade, inclusão.

ABSTRACT

The author emphasizes the importance of culture as an essential element of inclusion, offering a reflection on the relation on inter-understanding, tolerance and solidarity in the cultural and communicational domains.

It praises the universal value of inclusion in a society where equity in the access to spaces, information and culture should prevail.

Accessibility to information and culture by people who are socially frail and in need of culture, as ethical imperative of progress at various levels namely to promote their independence and autonomy, interaction in society and culture, is enhanced.

Key words: Culture, communication, accessibility, inclusion.